

A MÚLTIPLA IDENTIDADE DAS MULHERES RIBEIRINHAS DE CURUÇAMBABA - PARÁ, NA REGIÃO DO BAIXO TOCANTINS

THE MULTIPLE IDENTITY OF RIVERSIDE WOMEN OF CURUÇAMBABA - PARÁ, IN THE LOWER TOCANTINS REGION

Recebido em: 22/11/2023


Reenviado em: 12/02/2024

Aceito em: 20/03/2024

Publicado em: 07/05/2024

Danielle Lopes Martins¹ 

Universidade Federal do Pará

Jorge Domingues Lopes² 

Universidade Federal do Pará

Marisa Montrucchio³ 

Universidade Federal do Pará

Resumo: Existem, em comunidades interioranas da Amazônia, múltiplos grupos sociais que foram se formando ao longo do tempo e cada um deles possui suas características próprias sob os mais diferentes aspectos. Nesse contexto, destacamos o grupo de mulheres ribeirinhas amazônidas, oriundas de Curuçambaba, um distrito da cidade de Cametá, localizada na região do Baixo Tocantins, no estado do Pará, cujas falas foram o ponto de partida para este trabalho, para analisarmos como são construídas suas identidades, particularizando na influência do trabalho em suas trajetórias de vida. Na interpretação discursiva, percebemos alguns eixos comuns que, no seu conjunto, compõem essa múltipla identidade. Esses eixos estão associados às categorias analíticas corpo, produção, adaptabilidade, política e saberes. A interpretação foi guiada pela leitura de autores(as) que dialogam com a temática, tais como Bauman (2005, 2012), Beauvoir (1967), Buttler (2003), Carneiro (1993), Castells (2018) e Hall (2006). A pesquisa qualitativa revelou que, na diversidade de funções, tarefas, aprendizados e saberes, radica a força feminina dessas mulheres ribeirinhas, capazes de se estabelecer com firmeza e de sustentar uma identidade múltipla e maleável, adaptada à complexa e difícil realidade entre rios e florestas.

Palavras-chave: Identidade; Trabalho; Mulheres ribeirinhas.

Abstract: There are, in interior communities in the Amazon, multiple social groups that have been formed over time and each of them has its own characteristics from the most different aspects. In this context, we highlight the group of Amazonian riverside women, from Curuçambaba, a district of the city of Cametá, located in the lower Tocantins region, in the state of Pará, whose speeches were the starting point for this work, to analyse how they are constructed their identities, focusing on the influence of work on their life trajectories. In the discursive interpretation, we perceive some common axes that, as a whole, make up this multiple identity. These axes are associated with the analytical categories body, production, adaptability, politics and knowledge. The interpretation was guided by the reading of authors who dialogue with the theme, such as Bauman (2005, 2012), Beauvoir (1967), Buttler (2003), Carneiro (1993), Castells (2018) and Hall (2006). Qualitative research revealed that, in the diversity

¹ Mestre em Educação e Cultura pelo Programa de Pós-Graduação em Educação e Cultura, do Campus Universitário do Tocantins/Cametá, da Universidade Federal do Pará (PPGEDUC/CUNTINS/UFPA). E-mail: martinsdanyelle1@gmail.com

² Doutor em Linguística, professor do Curso de Letras do Campus Universitário do Tocantins, Cametá, da Universidade Federal do Pará. E-mail: jdlopes@ufpa.br

³ Doutora em Letras e professora visitante do Programa de Pós-Graduação em Educação e Cultura, do Campus Universitário do Tocantins, Cametá, da Universidade Federal do Pará (PGEDUC/CUNTINS/UFPA). E-mail: montru13@gmail.com

of functions, tasks, learning and knowledge, the feminine strength of these riverside women is rooted, capable of establishing themselves firmly and sustaining a multiple and malleable identity, adapted to the complex and difficult reality between rivers and forests.

Keyword: Keywords: Identity; Work; Riverside woman.

INTRODUÇÃO

As questões sociais, econômicas, culturais e religiosas propiciam a construção de saberes específicos para os diferentes grupos que constituem o entramado social brasileiro. No caso da Amazônia, além de se tratar de uma região onde há uma grande diversidade de trabalhos, que passam por aqueles desenvolvidos pelas grandes empresas e indústrias, os serviços (públicos e privados), assim como os fazeres das comunidades organizadas (artesãos, agricultores, pescadores e outros), essa diversidade também se expressa nas diferentes relações que estes setores estabelecem entre eles mesmos e com as populações locais (ribeirinhas, indígenas e quilombolas), que fazem parte da região, permitindo que possamos falar em *amazônias*, no plural.

Assim, a microrregião denominada Baixo Tocantins, localizada na região de fronteira entre a Amazônia Central e Amazônia Oriental, isto é, no nordeste do Estado do Pará, constitui nosso território de análise, onde fica localizado o distrito de Curuçambaba, no município de Cametá (PA), lócus da nossa pesquisa. Cabe acrescentar que, nessa microrregião que integra a bacia do Tocantins, considerada a segunda mais importante do país e superada apenas pela bacia do Rio Amazonas (COSTA, 2006, p. 21), identificamos diversos grupos sociais que encontram nas atividades pesqueiras e na colheita do açaí, suas fontes fundamentais de vida.

Nesse contexto, focamos nossa pesquisa nas experiências de vida das mulheres ribeirinhas que nasceram e moram em Curuçambaba, através de suas trajetórias e fazeres, buscando compreender como acontece essa construção identitária no cotidiano. Embora muitas destas mulheres amazônicas possuam características comuns – são mães, pescam, tecem paneiros, coletam o açaí – cada uma delas vive de uma forma diferente sua realidade e é através das diversas subjetividades tecidas nessas experiências que podemos ter uma dimensão mais aprimorada sobre elas.

Tendo em vista que o trabalho constitui um pilar essencial nesse cotidiano, um dos principais objetivos foi compreender como elas definem o trabalho, a partir dos saberes oriundos que dele provêm, de que modo o valorizam, como trabalham e como constroem sua identidade, ao mesmo tempo em que são constituídas pelos ofícios que desenvolvem, recriando os saberes tradicionais necessários para sua subsistência.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Compreender as relações existentes entre a cultura das mulheres ribeirinhas, a formação de suas identidades e os trabalhos que exercem foi o ponto de partida para a construção teórico-metodológica da pesquisa qualitativa que prioriza e valoriza o cotidiano dessas mulheres. Foi estabelecido o primeiro contato com as produções acadêmicas sobre o assunto, em um movimento de encontro com o público-alvo, uma vez que:

O processo de pesquisa qualitativa pode ser representado como uma trajetória que parte da teoria em direção ao texto, e outra do texto de volta para a teoria. A intersecção dessas duas trajetórias é a coleta de dados verbais ou visuais e a interpretação destes em um plano de pesquisa específico (FLICK, 2004, p. 15).

Segundo este autor, a abordagem qualitativa é a que tem o ambiente como fonte direta dos dados, na qual a pesquisa é realizada através de uma ação de campo mais intensa. Nesse sentido, as questões são analisadas no ambiente em que elas acontecem, sem apelar para manipulações intencionais. A Teoria Fundamentada nos Dados (TFD) absorve e registra a diversidade de fatos, os transforma em dados e informações que constroem a subjetividade a partir das experiências reais (PRIGOL; BEHRENS, 2019; CHARMAZ, 2009).

As mulheres contactadas, colaboradoras da pesquisa, eram mães que levavam seus filhos até a escola onde uma das pesquisadoras atua como professora. As que não quiseram participar da pesquisa alegaram que suas experiências de vida não tinham nada de especial para ser estudado. As que aceitaram, receberam os documentos de autorização pertinentes.

A coleta de dados foi organizada contemplando o lócus da pesquisa: o distrito de Curuçambaba, Cametá, Pará, onde está localizada a EMEF Professor Joaquim Bastos, primeiro espaço de contato com as colaboradoras da pesquisa. Para desenvolver as entrevistas foi sempre propiciado um ambiente de informalidade, seguindo-se um roteiro básico, porém não rigoroso, que permitiu que as mulheres pudessem expressar-se livremente, mas costurando com elas as falas capazes de atender aos nossos objetivos: levantamento de informações a respeito delas e sobre elas mesmas, com foco em família, formação e trabalho.

As entrevistas aconteceram entre os meses de setembro de 2021 a junho de 2022, ainda em contexto pandêmico, nas casas das colaboradoras e segundo a disponibilidade que elas ofereceram. Ressaltamos que os protocolos sanitários foram seguidos (uso de máscara, distância mínima de dois metros, sem contato físico nem aperto de mãos), assim como as recomendações do comitê de ética (o termo individual de consentimento livre e esclarecido para

participar como entrevistadas da pesquisa foi assinado por todas e anexado na documentação pertinente). As gravações de áudio foram realizadas com o aparelho telefônico móvel, através do gravador de voz, versão 21.3.55.16, um *software* livre. Os registros foram feitos diretamente na memória do equipamento, em formato de áudio tipo MPG-4, com qualidade de 128 kbps, 44.1 kHz. As fotografias foram tiradas com o mesmo aparelho. Foi seguida a proposta de Charmaz (2009), isto é, uma entrevista intensiva, uma conversa direcionada. As gravações foram realizadas em locais relativamente silenciosos. Uma vez coletados os dados, foi realizada a transcrição das falas, etapa chamada por Prigol e Behrens (2019) de decodificação:

A decodificação é entendida como uma etapa da TFD que tem como finalidade realizar o questionamento analítico dos dados coletados, os quais dão coordenadas para elaborar aqueles diretamente relacionados com as questões analíticas definidas no início do processo. Nesta etapa, o pesquisador pode estudar e compreender os dados coletados de maneira aprofundada, entendendo também os silêncios do participante (PRIGOL; BEHRENS, 2019, p. 11).

A transcrição foi do tipo grafemático, que oferece a vantagem de permitir o acesso ao texto numa ortografia mais próxima da fala comum. Foram mantidos os marcadores conversacionais, tais como *né, aí, tá*, e as formas contraídas por aférese, síncope e apócope (*pra, pro, tá, tô*). Foram também preservadas palavras com alguma modificação fonológica, como *dibulhar, distalar, pessuá*.

A análise dos dados seguiu as seguintes etapas: 1) criação dos códigos/grupos: Ser e Atividades. Dentro do primeiro foram destacadas as categorias: corpo, papel social, saberes, origem, condição financeira, educação formal e perspectiva crítica. Dentro do segundo, foram destacadas as atividades domésticas e as profissionais. Segundo Charmaz (2009, p. 27), esta primeira organização “permite ao pesquisador separar, classificar e sintetizar grandes quantidades de dados”; 2) elaboração dos memorandos: anotações a respeito das categorias encontradas através das leituras dos dados, auxiliando na criação dos esquemas que ligam cada categoria com seu grupo; 3) Comparação dos dados para classificação de grupos e categorias.

IDENTIDADE

A identidade, enquanto coletivo, expressa um conjunto de representatividades que engloba cultura, economia, política, linguagens, religiosidades e, nesse sentido, as pessoas passam a ter conhecimento sobre seu passado, sua história e memórias, desenvolvendo o sentimento de pertencimento a um espaço-tempo comum, trilhando assim suas trajetórias de

vida e construindo suas identidades. Segundo Sueli Carneiro, “A identidade é, antes de tudo, resultado de um processo histórico-cultural” (CARNEIRO, 1993). Deste modo, o processo de formação da identidade demanda importantes tomadas de decisão, que auxiliam e favorecem a formação cidadã, indo do coletivo ao individual, o que pode favorecer a criticidade e a autonomia, movimento este que vai na contramão da alienação, da rejeição de si mesmo, pois supõe o cotidiano desenvolvimento de estratégias de resistência.

Em termos de tipologia, Castells (2018) afirma que existem diferentes identidades, marcadas pela história de cada grupo e pela relação de poder institucional existente, onde nem todos desenvolvem uma prática renovadora. Para o autor essas tipologias estão ligadas às classes sociais de pertencimento. Nesse sentido, a que ele denomina de “identidade legitimadora” é perpetuada pelos setores dominantes, por meio das instituições criadas para tal fim. A ela se opõe a “identidade de resistência”, representada pelos atores sociais que se encontram em desvantagem perante os setores dominantes e que não são valorizados: eles combatem as injustiças e se organizam através de múltiplas estratégias. Não muito distante desta última categoria, existe uma terceira definição, a “identidade de projeto”, quando os atores sociais que manifestam esse tipo de identidade são capazes de construir alternativas viáveis ao sistema vigente e redefinem seus papéis na sociedade, criando um espaço para suas opções de vida (CASTELLS, 2018).

Para Bauman (2005) a identidade não se limita a uma definição individual, pois ela transcende para o grupo e essa consciência supõe o exercício do pensamento crítico, assim como a percepção do lugar que se ocupa no mundo, isto é, o papel social. O autor destaca a natureza social da identidade como um fator essencial para compreender por que encontramos pessoas que compartilham dos mesmos valores e princípios, e, mesmo desenvolvendo atividades individuais, no fundo, pertencem a uma mesma coletividade. Assim, o pertencimento significa encontrar dentro do seu próprio percurso uma forma que é experienciada por outras pessoas do grupo do qual se faz parte. Contudo há, segundo Bauman, uma certa fluidez nessas construções:

Tornamo-nos conscientes de que o pertencimento e a identidade não têm a solidez de uma rocha, não são garantidos para toda a vida, são bastante negociáveis, e de que as decisões que o próprio indivíduo toma, os caminhos que percorre, a maneira como age e a determinação de se manter firme a tudo isso – são fatores cruciais tanto para o pertencimento quanto para a identidade (BAUMAN, 2005, p. 17).

Castells (2018) e Bauman (2005) evidenciam a importância do reconhecimento da identidade como uma necessidade fundamental para o desenvolvimento das pessoas, embora afirmem a dificuldade de se perceber e enfrentar a política social que as envolve nesse processo. Enquanto o primeiro refere-se à globalização como um fator que não exclui por completo todos os atores políticos envolvidos, porém considerando-a uma grande influenciadora e também responsável pela exclusão social, o segundo considera a globalização uma grande vilã que desencadeia sucessivos entraves que dificultam cada vez mais as possibilidades de pertencimento.

Para Stuart Hall (2006) as identidades não são estáticas. Essa forma de perceber a identidade se corresponde muito pertinentemente com o que foi percebido na pesquisa com as mulheres ribeirinhas. Segundo o autor:

[...]o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas [...]. A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente (HALL, 2006, p.13).

O processo de construção da identidade ribeirinha passa por caminhos onde a força principal está na defesa do modo de vida, nas lutas por direitos, dignidade, liberdade, contra interesses elitistas, que estimulam a exclusão econômica e tecnológica, devido à insaciável procura pelo lucro e pelo poder. Pensar nessa identidade implica em romper com estereótipos criados na sociedade liderada pelo patriarcado, politicamente estruturada em prol do capitalismo, na qual a assimetria é claramente perceptível e torna cada vez menos acessíveis as oportunidades das maiorias minorizadas pelo sistema, aquelas e aqueles que foram e continuam sendo subtraídos de seus direitos mais elementares.

Segundo Judith Butler (2003), dentro da matriz heterossexual há um enrijecimento das categorias de identidade, devido a uma modalidade de coerência forçada pela relação feminino/masculino. Quando a autora discute a identidade da “mulher” dentro dessa lógica, destaca que manter essa conceitualização estaria validando a hierarquia existente entre os gêneros, além de promover, mesmo que não sendo proposital, a exclusão de sujeitos que não se enquadram diretamente nessas categorias. O feminismo de Butler coloca em debate esse

engessamento identitário engendrado pelas relações de poder, voltando assim à questão da cultura que destacamos no início desta problemática:

[...] a ideia de que o gênero é construído sugere um certo determinismo de significados do gênero, inscritos em corpos anatomicamente diferenciados, sendo esses corpos compreendidos como recipientes passivos de uma lei cultural inexorável. Quando a ‘cultura’ relevante que ‘constrói’ o gênero é compreendida nos termos dessa lei ou conjunto de leis, tem-se a impressão de que o gênero é tão determinado e tão fixo quanto na formulação de que a biologia é o destino. Nesse caso, não a biologia, mas a cultura se torna o destino (BUTLER, 2003, p. 26).

Nesse sentido, a pesquisa demonstra uma transversalidade na discussão do que é ser mulher no contexto ribeirinho, uma conceitualização que pode ser melhor definida através dos relatos de experiências das entrevistadas. A autopercepção do que é ser mulher está, muitas vezes, atrelada às imposições sociais, materializadas no formato das convenções que ditam regras de convivência e sobrevivência: comportamentos, formas de se vestir e definições do que é apropriado ou não. Esse conjunto de regras e costumes determina muito daquilo que acreditamos ser a identidade feminina. De forma precursora, Simone de Beauvoir (1967) iniciou uma discussão que iria se desenvolver com o tempo, quando afirmava que:

Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam de feminino (BEAUVOIR, 1967, p. 9).

Se tornar mulher ribeirinha implica em um universo de escolhas e de imposições que advém tanto do tempo presente quanto do legado ancestral. Nem todas as mulheres que formam parte de um mesmo grupo social compartilham da mesma cultura e possuem a mesma identidade, no entanto, convivendo em coletividade com objetivos e princípios diferentes podem manifestar identidades semelhantes. Assim, a realidade ribeirinha é constituída por uma vasta diversidade, com experiências, trajetórias e vivências das mais variadas.

AS MULHERES RIBEIRINHAS DE CURUÇAMBABA

No escopo da nossa pesquisa foram escolhidos os relatos de cinco mulheres que trazem à tona as especificidades e subjetividades que caracterizam suas trajetórias de vida e que nos ajudam a compreender como esses fazeres do cotidiano, relacionados com os diversos trabalhos que elas desenvolvem no seu dia a dia, constituem sua identidade. Elas são mulheres nascidas no distrito de Curuçambaba, pertencente à cidade de Cametá, microrregião do Baixo Tocantins,

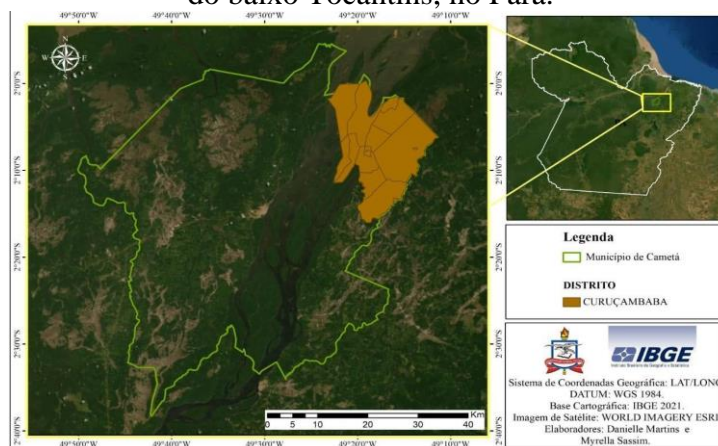
no Pará, herdeiras de outras mulheres, mães e avós, que, ao longo de várias gerações, vêm construindo aprendizados no cruzamento de suas experiências individuais e coletivas. A seguir, apresentamos uma breve referência sobre cada uma delas para melhor compreendermos suas trajetórias.

Mazeth Gomes Pinto, 35 anos, mora com os pais e quatro sobrinhos na ilha de Itanduba, ao lado da única escola local, Escola de Ensino Fundamental e Infantil Professor Joaquim Bastos. Trabalha com tecelagem e coleta de açaí. *Inete Gomes Pinto*, irmã de Mazeth Gomes, 49 anos, mora com o marido e quatro filhos em Itanduba, mas no outro extremo da ilha, que faz divisa com a ilha Quinquió. Trabalha com tecelagem, coleta de açaí, pesca e venda de carvão. *Carmem Pinto Melo*, 33 anos, mora com o marido e a filha em Itanduba e é vizinha de Mazeth Gomes Pinto. Concluiu o Ensino Médio e trabalha com tecelagem, pesca e coleta de açaí. *Virgínia Dantas Pantoja*, 38 anos, viúva, mora em Jacaré Xingu com seus dois filhos. Trabalha com tecelagem e coleta de açaí.

A quinta entrevistada, que preferiu manter sua identidade no anonimato e, por isso, lhe foi atribuído o pseudônimo fictício de *Maria*, mora na localidade da Ilha dos Pretos, situada em frente à Vila de Curuçambaba e é pescadora.

Na imagem 1, mapa do IBGE, podemos ver onde fica localizado o distrito de Curuçambaba (Cametá-PA). O distrito é composto por uma vila em terra firme e um conjunto de ilhas próximas, onde moram as mulheres entrevistadas. Essa localização através do mapa contribui para compreendermos a experiência de vida destas mulheres que se deslocam pelas águas do caudaloso rio Tocantins.

Imagem 1 – Mapa do distrito Curuçambaba, município de Cametá, localizado na microrregião do baixo Tocantins, no Pará.



Fonte: IBGE, 2021.

IDENTIDADE E CORPO

As entrevistadas nessa pesquisa são mulheres afetivamente ligadas à família e ao trabalho. Assim, seu empenho em garantir o bem-estar dos seus familiares, a fim de lhes proporcionar uma vida segura e estável, faz com que se dediquem com muito afinco a suas atividades, o que reflete fisicamente em seus corpos e é observável nas marcas deixadas pela execução do trabalho, que acabam se constituindo como um traço identitário. O trabalho com a tecelagem do paneiro deixa marcas evidentes:

[...] no dia nós tece dez, é sim senhor, e não usa luva nada, pra te que acostuma, olha o tamanho da unha. Esse aqui [refere-se à fita] ele só machuca quando é pa lavá, por isso que ele tá aí, quando corta, tem que corta pra tirar, quando corta tudo, a mão fica igual como se tivesse dibulhado açai, aí tem que lavar logo [...] mesmo que lave, pode lavar com sabão bem lavado, ele dicasca tudinho, olha agora não tá, passo pedra, isso não é uma mão, professora, olha [...]. DANTAS PANTOJA, Virgínia. Entrevistadora: Danielle Martins. Curuçambaba, 12/09/2021.

O corpo marcado provoca reflexões que atraem um olhar para outra identidade que ficou oculta diante da identidade trabalhadora. Uma consciência do corpo feminino que elas não podem ter devido ao trabalho que realizam, desperta nesse momento causando um choque de identidades. Ainda sobre o trabalho com a tecelagem do paneiro, a mesma entrevistada conta que:

[...] conheço pessoas que tece cem, eu não, não consigo porque a gente tem muita coisa pra fazer, não é só, a gente não pode ficar parado, primeiro porque também não pode ficar o tempo todo sentado, né, desgasta muito o corpo da pessoa e tem que ter prática pa não feri a mão, que se firia mão também fica que credo. DANTAS PANTOJA, Virgínia. Entrevistadora: Danielle Martins. Curuçambaba, 12/09/2021.

O corpo dessas mulheres reflete a labuta diária de anos, dores nas costas, mãos calejadas, queimaduras causadas pelo manuseio das fibras ou pela exposição excessiva ao sol:

[...] eu não dou conta de trabalhar assim, não dou conta, tô com problema de coluna, [...] às vezes eu vou na cidade porque é necessário, “aí” cheguei não tinha dinheiro pra comprar comida, eu cheguei e fui pro igarapé, pegar camarão, por que? Porque precisava, só que eu não tô, como eu tô com problema de coluna devido todos esses anos tecendo paneiro, [...] época de inverno nós já passamos coisa ruim mesmo, porque teve inverno “aí”, que dia sábado, domingo, quando dava duas horas a gente tava no mato atrás de jacitara. PINTO MELO, Carmem. Entrevistadora: Danielle Martins. Curuçambaba, 13/09/2021.

As marcas deixadas manifestam uma característica da identidade delas atreladas à resistência. Através de suas falas percebemos que, apesar do trabalho ser sacrificante e cansativo, a necessidade faz com que elas continuem trabalhando, sem desistir, reagindo e persistindo diariamente:

[...] no meu caso é só pa banda da tarde mesmo que eu trabalho fixo no panero, “tá” e eu vou até quando, quando eu, quando a costa aguenta, porque tem aquele tempo, né, que a gente tem que (a) pra dá um tempo, toma o cafezinho da tarde, graças a Deus. GOMES PINTO, Mazeth. Entrevistadora: Danielle Martins, Curuçambaba, 11/09/2021.

Como podemos observar, é necessário que elas estejam bem física, mental e emocionalmente, para poder executar seu trabalho, pois seu desempenho pode ser afetado quando um desses fatores apresenta desequilíbrio. Cada uma delas possui características próprias para resolver seus problemas, aprenderam com as vivências da vida a desconsiderar as adversidades, criar estratégias e seguir em frente: isso é resistir.

IDENTIDADE E PRODUÇÃO

Dentro do sistema capitalista, quanto mais produção tiver, maior será o lucro. O conceito se aplica ao comércio em geral e às empresas multimilionárias que veem na produtividade o fator principal do sucesso financeiro. Para as mulheres entrevistadas, a produtividade é importante porque, através dela, garantem sua subsistência. Essa atitude, segundo Antunes (2009, p. 49), é ocasionada por um sistema que obriga homens e mulheres a venderem sua força de trabalho. No entanto, quando elas relatam sobre o trabalho com tecelagem, coleta do açaí ou pesca, possuem destinações de venda para arrecadar dinheiro; quando contabilizam a quantidade de paneiros que tecem, os números de rasas de açaí apanhadas e debulhadas, a quantidade de pescado e camarão capturados, justificando o porquê dessas quantidades, estão indicando que precisam que lhes seja reconhecida uma identidade produtiva:

Fazer paneiro, no caso, né, tem lá suas maneiras de fazer, né, no caso, indo tirar a jacitara que é o produto que a gente usa pra fazer, né, tem lá suas maneiras de fazer o panero: vai no mato tirar a jacitara, que é o produto que a gente usa pra fazer, né, e depois que começa vai pra fazer o fundo, eu gasto no mínimo 5 minutos em um fundo de panero, pra fazer ele e pra tecer, no tecimento dele eu gasto 45 minutos, mas nisso tudo tem cortar urumã, que é a parte de tecer dele, né, a gente também usa bastante, e dá um trabalhinho também e fazer isso. Urumã, no caso, tem que partir, distalar também, né, pra que se transforme em tala e amarrar o beço, eu gasto em torno de quinze minuto em um beço de panero, porque é o que mais demora em fazer o panero, então, no geral tudo é quarenta e cinco de tecer, cinco de fundo e mais quinze de

beço, então, são 65 minuto que eu gasto em um panero, né. GOMES PINTO, Mazeth.
Entrevistadora: Danielle Martins, Curuçambaba, 11/09/2021.

Para elas é importante que se entenda que o tempo dedicado à atividade profissional é significativo. Existe uma cadeia de produção, da qual as mulheres se reconhecem como constituintes, em nível de sobrevivência: a venda dessa produção vai suprir uma necessidade imediata, mas ao mesmo tempo, essas mulheres demonstram que estão construindo sua identidade produtiva através do trabalho realizado.

E o que é *ser produtivo* aos olhos dessas mulheres? Nos relatos percebemos que produtividade é a capacidade de alcançar sua meta, mas não em uma perspectiva acumuladora, como se observa no sistema de acumulação capitalista. A identidade produtiva dessas mulheres envolve o fator financeiro e vai além, chegando ao cultural, principalmente quando deixam em cada material produzido marcas próprias, que são só suas, o que vai permitir que elas reconheçam os produtos que confeccionaram.

Quando produzem seus paneiros e os vendem, elas materializam características únicas de seu trabalho. Os detalhes que levam à identificação dos produtos criados, retiram o estigma da produção em série e carimbam a particularidade ainda artesanal, registro tanto das tradições embutidas nos seus saberes quanto das novidades que elas escolhem levar para suas produções. Nas imagens a seguir podemos observar como os paneiros são feitos com os feixes de jacitara e com as fitas sintéticas, começando sempre, pelo fundo:

Imagem 2 – As mulheres fazendo paneiros.





Elaboração: Dos autores, 2023. **Fonte:** Martins, 2022.

Além da tecelagem de paneiros, todas elas trabalham com pesca de camarão e coleta de açaí, ambas atividades ligadas a três fatores: tempo, quantidade recolhida e participantes do processo. Com relação ao tempo de coleta do açaí, ele intensifica-se no período de safra, entre os meses de agosto e novembro, quando o fruto se encontra em abundância. Elas, então, dedicam-se a esse trabalho no período da manhã. O processo que envolve a safra do açaí supõe coletar ou apanhar o fruto, debulhá-lo e carregá-lo do mato até os portos das casas; aguardar a chegada do atravessador e entregar a coleta. Nenhuma das mulheres entrevistadas sobe nas árvores de açazeiro para apanhar o fruto, pois sua função começa a partir da debulhada do fruto e continua até a etapa final.

O tempo da pesca do camarão também está ligado ao período de safra:

Os locais de pesca [...], variam com as estações do ano (inverno e verão) e com as marés de sizígia e quadratura, localmente conhecidas como “maré de lance ou lançante” e “maré de quebra”, respectivamente. No período de chuvas intensas (inverno) as capturas de camarão-da-amazônia são comprometidas na margem dos rios e favorecidas nos igarapés. Já no período menos chuvoso (verão) as pescarias mais produtivas ocorrem nos rios e praias (FERREIRA DE ARAÚJO *et al.*, 2014, p. 5).

Vale destacar que o inverno amazônico corresponde aos meses de dezembro a março, chuvoso, enquanto o verão corresponde aos meses de abril a novembro, mais seco e quente. Isto significa que é possível obter camarão o ano todo, mas que, dependendo dos períodos e das marés do rio Tocantins, que também influenciam com seus ciclos, haverá fases de abundância e fases de escassez. De todo modo, a captura do camarão pode ocorrer de várias maneiras: com redes de lançar, com matapis, com pari, com paneiros. Cada um desses tipos de pesca possui uma peculiaridade em relação à qualidade do produto. Na imagem 3 podemos ver camarões

retirados do matapi e dentro do paneiro, prontos para serem vendidos, assim como uma das mulheres pescadoras segurando os peixes lanceados na rede.

Imagem 3 – Frutos da pesca: camarão e peixe.



Elaboração: Dos autores, 2023. **Fonte:** Martins, 2022.

Saber pescar é um aprendizado da vivência, da experiência e de suas pluralidades, os saberes produzidos pela prática e pelos conhecimentos que acontecem nas inter-relações humanas, dimensões do saber social, ressignificação de aprendizados, solução de problemas que surgem no cotidiano, dificuldades e desafios provenientes da interação com a atividade artesanal exercida. Assim, uma das mulheres explica parte do que ela faz no seu dia-a-dia como pescadora:

A pesca do camarão [...] eu utilizo panero, pa pescar, pra, pra pegar pra pescar, matapi, rede e pari, são essas, são essas, são esses materiais que eu uso. [...] Pari é aquilo que a gente faz, de tala de jupati, é uma, tipo um paredão, [...] aí de jupati a gente faz ele mais miudinho, bem fininha a tala que é justamente pra pegar o camarão, que é pra fazer tapage de garapé, pra pegar camarão de garapé, [...] Com panero é o camarão pegado no igarapé, a gente vai pegar de garapé, também pra comer que os melhores camarões que tem é a pega de panero [...] o de matapi é bom, mais ainda existe todo aquele processo pa tirar o babaçu da cabeça, que tem que deixar no viveiro por umas horas pra ele ficar lá. [...] É a isca do camarão pa iscá o matapi, aí que através dessa isca que o camarão entra pa dentro do matapi pa pegar, só que ele come, e essa isca fica toda na cabeça do camarão [...]. Maria. Entrevistadora: Danielle Martins. Curuçambaba, 12/09/2021.

Pescas com tapagem (denominada pari) e com paneiros permitem a coleta dos camarões mais saborosos e de tamanho maior, valorizando seu valor de venda. Já a pesca com matapis exige um cuidado maior com o produto. Após a captura, os camarões precisam ficar por um período de dois dias em um viveiro para que seja extraído de seu corpo qualquer resquício da isca que comeram, porque, segundo as mulheres pescadoras, o babaçu possui toxinas que fazem mal quando consumidas.

IDENTIDADE E ADAPTABILIDADE

Uma das primeiras características identitárias perceptível nestas mulheres é a enorme capacidade de se adaptarem às diversas demandas. Elas têm desenvolvido a habilidade de se adequarem às mais diferentes situações. Por exemplo, durante o inverno amazônico, quando a coleta do açaí fica destinada apenas para consumo próprio devido à escassez do fruto, elas tecem paneiros, vão para o poço e para o rio em busca de peixes e crustáceos, como formas alternativas de obter recursos e garantir a alimentação. Já no verão, quando o fruto abunda, se dedicam à coleta de açaí. As entrevistas foram realizadas no mês de setembro, período de verão e de abundância do açaí:

[...] hoje, no caso, a gente saiu seis e meia, já meio escurinho porque o açaí a gente tem que entregar cedo, né, o marreteiro vem cedo buscar, então esse açaí, eu só vou pro mato, eu uso só pra debulhar, eu não apanho açaí, faz muito tempo que eu não apanho o açaí, eu apanhava, mas depois que houve a fratura do meu braço, não apanho açaí, então só vou mesmo só pra dibulhar, os meninos que apanham, mas, também graças a Deus é uma fonte de renda nossa, né, daqui, dos ribeirinhos, nossa aqui do Itanduba, então é isso, a gente leva (de) das seis da manhã, hoje no caso a gente foi das seis e meia da manhã até onze e meia tirando açaí, foi bem puxado hoje a apanhação do açaí. GOMES PINTO, Mazeth. Entrevistadora: Danielle Martins. Curuçambaba, 11/09/2021.

A identidade dessas mulheres está atrelada à alternância do trabalho, permitindo-lhes realizar diferentes tarefas associadas, embora, em cada uma delas, exerçam diferentes papéis interligados: tecelã-vendedora; pescadora-coletora de fruto; coletora de açaí-dona de casa.

Em relação aos serviços domésticos, há outra característica da identidade dessas mulheres, dado que elas conseguem conciliar o trabalho da tecelagem que realizam no espaço da residência com os serviços domésticos, através de uma articulação que talvez os homens não conseguiriam realizar:

A gente que trabalha, pra poder organizar tudo, deixar a comida pra criança que vai pra escola de manhã, pra deixar roupa organizada, tudo, olhar a mochila se tá tudo certo, é quando chega à tarde, tem que fazer comida, pra janta, que tem criança dentro de casa, é, vai ter que lavar roupa de noite porque no outro dia a gente já vai, porque é, teve ano atrasado, apanhava açaí de sábado a domingo, eu tinha que bater roupa à noite, quando eu já ia descansar já era dez pra onze horas pra acordar cinco novamente, então a pessoa né, eu falo assim: tu não, tu chega, tu apanha só, o açaí lá, eu sei que é mais puxado o teu porque tu tá subindo, toda hora lá, mas só que quando eu chego, tu só chega e toma teu banho e vai descansar, eu não, eu tenho que fazer a janta, eu tenho que lavar roupa, eu tenho que bater o açaí, tenho que fazer tudo novamente, lavar louça, tudo, e tu não, tu já fica da hora que tu chegou tu já tá descansando, toma teu banho, pode amarrar uma rede e deitar e pronto, mas eu não, se eu der confiança meia noite ainda tô de pé ainda, né, a casa tem que assear a casa porque não tem quem asseie, então, é isso, é muito cansativo, muito cansativo mesmo.
 PINTO MELO, Carmem. Entrevistadora: Danielle Martins. Curuçambaba, 13/09/2021.

Vale destacar que, nesse sentido e historicamente falando, continua sendo um grande desafio tornar visível o reconhecimento do trabalho da mulher perante a sociedade patriarcal. No entanto, os processos participativos femininos, como chefes de família, como trabalhadoras, exercendo atividades que garantem o sustento familiar ou que colaboram financeiramente, são vistos como um avanço, mesmo que tardiamente. A construção histórica de conceitos referentes a que a mulher foi criada para realizar trabalhos domésticos, cuidados com os filhos e marido, interfere na inserção de novos conceitos capazes de derrubar esse pensamento tão carregado de preconceitos e machismo.

Ao afirmarmos que a construção da identidade da mulher trabalhadora ribeirinha está enraizada no patriarcalismo, estamos ressaltando o que Castells (2018, p. 336) afirma ser um problema das mulheres que não afirmam sua identidade feminina, mas que se identificam com uma identidade socialmente desvalorizada sob o jugo do patriarcado. Mesmo o homem não sendo mais o provedor exclusivo das famílias, as mulheres pagam um alto preço devido a essa perspectiva já tão difundida.

A maleabilidade dos movimentos do corpo que tece os paneiros, a maleabilidade das ações que dão conta do trabalho de acatar os desafios da mãe natureza e atuar junto com ela para poder extrair os frutos que são proporcionados em certas épocas do ano, mas não em todas, conta sobre a identidade das mulheres ribeirinhas que conseguem desenvolver seus afazeres cotidianos, cuidar de filhos, casa e companheiro, pescar, quando tem camarão, ou debulhar, quando é o tempo do açaí, como se estivessem tecendo um constante paneiro de curvas, linhas e pontos, assim como o rio e seus igarapés.

IDENTIDADE E POLÍTICA

Seja por desconhecimento ou pelo desinteresse impingido a elas ao longo da sua história, se faz perceptível o distanciamento político que algumas das mulheres ribeirinhas protagonizam nos seus territórios: ao tempo, elas conseguem reconhecer a incapacidade dos governos para cuidar de suas necessidades, mas não demonstram uma atitude focada nas possibilidades de mudança, talvez porque acreditem que seja inútil protestar e transformar as ações do Estado:

[...] olha minha filha, tu tem que estudar, estudar, porque tu vê, eu levo ela pro igarapé, eu vou mostrando, levo pra apanhar açai, debulhar açai, pra ela ver, porque eu falo assim: olha, isso daqui eu não quero pra ti, eu tô te mostrando pra ti pensar e ver, não eu não quero isso pra mim, eu falo pra ela, tem que estudar. Eu se eu estudei assim, estudei aqui, fui pra cidade terminei o ensino médio, foi porque eu quis, por causa que, tipo assim dizer: ah, eu vou pagar alguma coisa pra ti, ninguém nunca pagou nada pra mim estudar não, morei pela casa do outro, [...] que eu não quero que ela more pela casa do outro, porque a pior coisa que tem é morar pela casa do outro porque eu tenho experiência, entrei na universidade duas vezes mais não consegui porque como diz, se não tiver isso daqui (faz o sinal referente ao dinheiro) tu não consegue se não tem ninguém que te ajude, se não tiver um pai uma mãe pra ti ajudar financeiramente tu não consegue, aí eu parei. PINTO MELO, Carmem. Entrevistadora: Danielle Martins. Curuçambaba, 13/09/2021.

A criação dos filhos é uma das preocupações principais dessas mulheres que trabalham para garantir-lhes um dos direitos institucionais básicos, a educação. Porém, os comportamentos são contraditórios: assim como prezam pelo estudo dos filhos para que possam ter melhores condições no futuro, os colocam para trabalhar com elas diariamente. A questão não diz respeito ao fato de os filhos ajudarem suas mães, mas o quanto essa ajuda atrapalha na dedicação aos estudos de crianças e jovens. Percebemos que os filhos vão logo cedo de manhã para o trabalho com suas mães e retornam na hora de ir para escola, sem descanso, comprometendo seu desempenho escolar. Dentro de uma perspectiva educacional que não contempla com políticas públicas as necessidades de subsistência das famílias ribeirinhas, facilitando uma adaptação dos horários de estudo e mantendo a qualidade de aprendizagem, mas permitindo que crianças e jovens possam contribuir com a renda familiar, a situação só tende a piorar.

Não se aprende a ser mãe, não há um roteiro a ser seguido, muitas vezes essas mulheres enfrentam situações e problemas que têm que resolver sozinhas. Sem rede de apoio, elas precisam de atenção e cuidados, mas não dispõem dessa ajuda, precisam também de programas que lhes garantam acompanhamento profissional, visando sua saúde física e mental.

Mais uma vez destacamos que estamos diante de mulheres que não possuem uma identidade única, mas várias identidades que se fundem e constituem na mulher trabalhadora ribeirinha, a que domina o seu trabalho através dos saberes que possui, a que exige reconhecimento e revela descontentamento devido à sobrecarga de trabalho, a de mulher que sabe organizar as atividades domésticas e profissionais em um mesmo espaço e ao mesmo tempo. Além disso, com uma incipiente identidade política, reconhece seus direitos básicos e sabe quando algo lhe é negado. Mulheres autônomas e cheias de si, que desempenham seus papéis em igualdade de condições, sem desculpas para as dificuldades.

Cabe mencionar as pesquisas que apontam o engajamento de outras cametaenses em cooperativas e sindicatos de mulheres trabalhadoras rurais, mostrando uma trajetória de luta e inserção no campo da política, iniciada no final do século XX. Constata-se o papel importante da pastoral católica nesse momento, fomentando a participação das mulheres nos clubes de mães da diocese, na catequese, nas pastorais da criança e saúde, assim como o despertar das mulheres para a conscientização do seu lugar na família e na sociedade. Destacamos três organizações que evidenciam o percurso das mulheres contra o patriarcado e em prol de seus direitos de gênero: a Associação das Mulheres do Município de Cameté (ADMMC, 1996), a Cooperativa de Mulheres de Cameté (COOPMUC, 2004) e o Sindicato de Trabalhadores e Trabalhadoras, Agricultores e Agricultoras Familiares Rurais (STTR, 2015 - antigo STR fundado em 1979) (PANTOJA AQUIME, 2018; SOUZA, SILVA RIBEIRO, CRUZ MENDES, 2020; BRITO WANZELER, 2021).

IDENTIDADE E SABERES

O convívio em comunidade permitiu a troca de saberes que capacitam as mulheres ribeirinhas entrevistadas, com autonomia, para o exercício de suas atividades. As identidades reveladas nesse contexto fazem parte de sua existência e não podem ser dissociadas das suas estruturas de conhecimentos. Os saberes construídos no ambiente ribeirinho vinculam-se à prática diária do trabalho e vice-versa. A repetição contínua das mesmas tarefas permitiu a estas mulheres adquirirem experiências para transmitir, com segurança, relatos sobre suas atividades e os instrumentos que utilizam para conseguir seus produtos. Essas relações fazem parte de um contexto social no qual elas estão inseridas, articuladas e interrelacionadas com sua identidade, moldando e definindo sua existência nos âmbitos afetivo, econômico, político e social:

[...] pa ir pescar tem que ser geralmente maré baixa, inda existe isso, maré baixa que fala é maré seca, né, só fica água nos poços mermo que você vai pescá e a parte de pescado diferencia, né, tem vários tipos de peixe do poço que são: piranga, cara, careuá, carapiranga e corua, esses são os peixe que a gente pesca de poço, e de caniço também, mas existe também outra forma de pescar esses peixes do poço que a parte de rede [...] eu manjo mesmo só caniço, só fisingando peixe [...] a gente pega em torno de quilo e meio, dois quilo só no caniço, né, [...] já a parte de venda, a gente vende eles por uns quinze, vinte reais, dependendo do tamanho da cambada que a gente puxa, aí já diferencia o peixe do poço, pro peixe do rio, da tem toda essa diferença do peixe do rio é: tucunaré, caratinga, pescada, tem acari, então todo isso tem nessa parte diferenciada. Já o custo do peixe da bera já é mais alto [...]. Maria. Entrevistadora: Danielle Martins, Curuçambaba, 12/09/2021.

Essas mulheres construíram saberes no decorrer do tempo, através das relações com a natureza e seus semelhantes e dominaram saberes comuns sobre a pesca, a coleta de açaí, a tecelagem e o fenômeno das marés, o que lhes permitiu desenvolver uma consciência ecológica voltada para os cuidados com a matéria prima de trabalho. Aprenderam que o babaçu de coco é melhor para ser usado como isca para capturar o camarão do que o babaçu original da planta, que possui toxinas que causam malefícios ao corpo humano. Trocaram o plástico por folhas de cacau, porque entendem a poluição que o produto industrializado causa no rio. Sabem que, mesmo com o preço do açaí em baixa, não podem deixar de fazer a coleta porque sua durabilidade na árvore é limitada e ele começa a cair no terreiro, e precisam coletar, porque sua relação com o produto supera o valor econômico, é cultural e afetiva. Conforme afirma Libâneo (2010, p. 26) “[...] na casa, na rua, na igreja ou na escola, de um modo ou de muitos, todos nós envolvemos pedaços da vida com ela: para aprender e ensinar. Para saber fazer, para fazer, para ser ou para conviver, todos os dias misturamos a vida com a educação [...]”.

Isto é, as trocas de saberes acontecem em todos os ambientes, não somente nas escolas e, nesse sentido, Martins (1994, p. 10) afirma que o saber e a presença do sujeito, o qual requer a presença do saber para estabelecer uma relação construída em diversos espaços da sociedade, por isso a aquisição do saber não advém apenas do espaço escolar, mas de tantos outros, como as vivências na comunidade, as travessias, os processos do trabalho, a convivência familiar.

As mulheres que tiveram acesso escolar, mesmo sendo interrompido, desejam ver seus filhos progredindo nos estudos, justificando uma visão não conformista sobre a realidade. Elas desejam que eles tenham mais oportunidades e que seu futuro não seja a reprodução do passado de suas mães, o que não impede que elas tenham orgulho do que fizeram e ainda fazem para sustentá-los, não aceitam que fique simbolizado por ações negativas em relação ao seu estilo de vida. Elas querem garantir um futuro próspero para seus descendentes e assim o fazem através de seus trabalhos, demonstrando a eles toda a dedicação e esforço para realizar seus

objetivos, explicando que, através dos estudos, a melhoria nas condições de vida torna-se mais viável e certa.

As cinco mulheres cametaenses que desenvolvem suas atividades no lugar onde moram, tiveram a oportunidade de expressar como vivem no seu dia a dia de trabalho. Sob a ótica do trabalho, elas realizam diversas atividades, pesca em geral, tecelagem, coleta de açaí, venda de carvão e alternam essas atividades de acordo com o período de safra subordinado à natureza. Seus corpos refletem o caráter rude do trabalho, são provas materiais de que sua dedicação extrema as atinge fisicamente, mas mesmo cansadas, resistem trabalhando. As diversas atividades realizadas possuem uma produção que varia de acordo com a meta que elas mesmas estabelecem. Em relação à tecelagem, a meta é de 40 paneiros por semana que, vendidos a R\$3,00 a unidade, lhes garante R\$120,00 para suprir uma necessidade imediata. Quanto à coleta de açaí, a produção varia entre 20 e 50 rasas por dia, em período de safra (cada rasa equivale a 28 quilos). Na pesca é mais difícil definir uma meta de produção, porque varia de acordo com o tipo de pesca e da maré.

A capacidade que as mulheres têm para redefinir seus afazeres de acordo com o que a natureza lhes oferece é um traço marcante de sua identidade, que reforça sua adaptabilidade. Conseguem conciliar atividades profissionais e atividades domésticas em um mesmo espaço, realizam diferentes funções e assumem vários papéis no processo de produção, construindo uma identidade múltipla.

A política é um fator que está presente em vários ambientes, nas escolas, nas igrejas, nas ruas. Essas mulheres provaram que conhecem seus direitos, mas não estão dispostas a dedicar seu tempo com reivindicações de melhorias para suas vidas e de sua comunidade. Elas trabalham desde a infância e exercem atividades que aprenderam com seus familiares, adquiriram conhecimentos que lhes foram repassados por várias gerações e que se tornaram frequentes em suas vidas até os dias atuais. A tradição de repassar a seus descendentes seus saberes garante a permanência dos conhecimentos adquiridos, necessários para a realização dos trabalhos.

O processo de aquisição desses saberes é dinâmico, e se dá nas diferentes práticas que foram conhecendo ao longo da vida, como tecer paneiro, apanhar açaí e pescar, o que lhes proporcionou tanto a atualização dos saberes quanto sua transmissão. Nos momentos de interação com a natureza e com seus familiares constroem sua existência caracterizando suas histórias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa pesquisa buscou compreender e caracterizar o processo de construção da múltipla identidade das mulheres trabalhadoras ribeirinhas do distrito de Curuçambaba, pertencente à cidade de Cametá, região do Baixo Tocantins, no Estado de Pará, levando em consideração os saberes oriundos de seu trabalho, suas vivências e sua cultura. Além disso, visou contribuir academicamente com estudos sobre a formação da identidade das mulheres ribeirinhas, dentro da área de Educação e Cultura, com o intuito de evidenciar para a sociedade quem e como são essas mulheres, assim como a importância de seu trabalho nos âmbitos social, econômico, político e cultural.

A pesquisa mostrou que essas cinco mulheres, representantes do universo ribeirinho do Baixo Tocantins, apesar de compartilharem o mesmo ambiente, possuem rotinas diferentes decorrentes de suas subjetividades e práticas diferenciadas, expressando a diversidade amazônica.

Constatamos que o trabalho destas mulheres ribeirinhas é organizado por etapas, a partir de uma sistematização determinada por elas, para cada executor do processo. São essas mulheres-mães-trabalhadoras que orientam e ensinam o que cada um deve fazer. Além disso, elas reconhecem em seus trabalhos sua ligação com a natureza e interagem com suas imposições, mas não de modo submisso: elas exploram, executam e reforçam essas relações no decorrer de cada processo da atividade laborativa. Essa relação se estende ao cultural porque convivem harmonicamente com a natureza, não apenas em momentos de trabalho, mas em suas vivências diárias. Usfruem do que a natureza lhes oferece, criando várias alternativas de atividades laborais para garantir sua subsistência, revelando assim, a riqueza de sua cultura e de seus saberes.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Ricardo L.C. **O caracol e a concha**: ensaio sobre a nova morfologia do trabalho. São Paulo: Boitempo, 2005.
- ANTUNES, Ricardo L.C. **Os sentidos do trabalho**: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2009.
- BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Tradução Carlos Alberto Medeiros – Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BAUMAN, Zygmunt. **Ensaio Sobre o Conceito de Cultura**. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo 2: a experiência vivida**. Tradução de Sérgio Milliet. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1967.

BRITO WANZELER, Karlyane Mayra. Mulheres, cooperativismo e gênero. **Cadernos de Agroecologia**. Diálogos Convergências e divergências: mulheres, feminismos e agroecologia, v. 16, n. 1, 2021. Disponível em: <https://cadernos.aba-agroecologia.org.br/cadernos/issue/view/9> Acesso em: 12 em mar 2023.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CARNEIRO, Sueli. Identidade feminina. In: **Mulher negra**. Cadernos Geledés, Caderno IV. São Paulo: Geledés/ Instituto da Mulher Negra, 1993.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade: economia, sociedade e cultura**. Tradução de Klaus Brandini Gerhardt. 9. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2018.

CHARMAZ, Kathy. **A construção da teoria fundamentada: guia prático para análise qualitativa**. Tradução: Joice Elias Costa. Porto Alegre: Artmed, 2009.

COSTA, Gilson da Silva. **Desenvolvimento rural sustentável com base no paradigma da agroecologia**. Belém: NAEA/UFPA, 2006.

FERREIRA DE ARAÚJO, Maria Vera Lúcia et al. Pesca e procedimentos de captura do camarão-da-Amazônia a jusante de uma usina hidrelétrica na Amazônia brasileira. **Revista Biota Amazônica**, Macapá, v. 4, n. 2, p. 102-112, 2014. Disponível em: <https://periodicos.unifap.br/index.php/biota/article/viewFile/996/723>. Acesso em 7 nov. 2023.

FLICK, Uwe. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. Tradução de Sandra Netz. 2.ed. Porto Alegre: Bookman, 2004.

HALL, Stuart. **A identidade cultural da pós-modernidade**. São Paulo: DP&A, 2006.

LIBÂNIO, José Carlos. **Pedagogia e pedagogos, para quê?** 12. ed. São Paulo: Cortez, 2010.
MARTINS, Danielle Lopes. **Cultura, identidade e trabalho das mulheres ribeirinhas amazônicas do distrito de Curuçambaba, Cametá (PA)**, 2022. Dissertação (Mestrado em Educação e Cultura) – Programa de Pós-graduação em Educação e Cultura, UFPA, Cametá, 2022.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. 19. ed. São Paulo: Brasil, 1994.

PANTOJA AQUIME, Maria Zalete. A Igualdade de Gênero. Do Sonho Possível à Realidade Vivida: as contradições presentes na cooperativa das mulheres de Cametá/PA. **Gênero na Amazônia**, n. 14, jul./dez. Belém: GEPEM/IFCH-UFPA, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/generoamazonia/article/view/13258/9201> Acesso em: 12 de mai de 2024.

PRIGOL, Edna Liz; BEHRENS, Marilda Aparecida. Teoria fundamentada: metodologia aplicada nas pesquisas em educação. **Educação e Realidade**, Porto Alegre. v. 44, n.3, p. 8411, 2019.

SOUZA, Eleuza; SILVA RIBEIRO, Maria Edilene; CRUZ MENDES, Odete. A participação da mulher trabalhadora como associada no STTR/Cametá e a sua constituição como ser político. **Trabalho necessário**, UFF, v. 18, n. 37, set-dez, 2020.